

Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas

Maria Nazareth Soares Fonseca*

Resumo

O texto pretende refletir sobre as condições de produção de textos literários africanos de autoria feminina, presentes em diversas antologias. Propõe ainda analisar os projetos dessas coletâneas, procurando compreender as escolhas efetuadas pelo organizador e os efeitos de sentido que os poemas das escritoras produzem no projeto literário que ajudam a construir. A discussão salienta que é possível perceber em vários poemas traços específicos do modo como as escritoras, projetando-se no mundo que recriam através das palavras, recuperam gestos, falas e sensibilidades de um corpo quase sempre condenado ao silêncio e à exclusão.

Palavras-chave: Projetos literários africanos; Escrita feminina; Palavra poética; Corpo insubmisso.

Comparo a mulher à terra porque ela é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é o abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra. (CHIZIANE, 1994, p. 15)¹

A literatura produzida por mulheres africanas guarda muitas semelhanças com a publicada em culturas em que a mulher, ainda que já tenha transgredido algumas das barreiras que a aprisionavam às funções domésticas, continua à margem, em diferença, definida por muitos dos padrões que a sociedade legitima. Os detalhes de um lugar mais íntimo, mais velado, submisso por vezes, deliberado em outras, persistem como emblemas de vidas mais reclusas,

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ Trecho extraído do texto de Paulina Chiziane, “Eu, mulher, por uma nova visão do mundo” (1994).

mesmo quando as atividades do dia-a-dia impõem uma participação intensa daquela a quem, conforme tradições ainda vivas em África e em tantos outros lugares do planeta, cabe a tarefa de gerar os filhos, criá-los, educá-los e prepará-los para a vida.

Não é por acaso que a presença de mulheres na literatura canônica, oficializada, é sempre muito reduzida. Razões culturais e políticas explicam, por exemplo, o modesto número de textos literários de autoria feminina nos catálogos da maioria das editoras não especializadas em temas ligados ao feminino. Há poucos dias consultei o catálogo de publicações da Editora Caminho, de Portugal, e pude constatar a impressionante predominância de livros de autoria masculina tanto com relação à literatura portuguesa, quanto à africana. Mas essa disparidade entre o número de autores e autoras não é muito diferente nos catálogos das grandes editoras brasileiras. Basta que consideremos, por exemplo, os lançamentos indicados pelo suplemento “Mais!” do jornal **Folha de S. Paulo** ou que observemos os estandes da seção de literatura nacional e estrangeira de uma grande livraria, para notar a grande disparidade.

Em África muitos fatores podem explicar a chegada tardia das mulheres à literatura: a dificuldade de acesso à instrução, as tradições seculares que delegam à mulher as funções relacionadas com a maternidade e com a criação da prole e, certamente, os critérios de seleção utilizados pelos editores. Os depoimentos de escritoras africanas e latino-americanas presentes no Seminário sobre a situação da mulher escritora em África e na América Latina, realizado em Lisboa, em 1998, ressaltam as complexas formas de eleição das escritoras e de sua aceitação pelo sistema de circulação dos textos escritos por elas. As escritoras deixaram claro, no evento, que a publicação do livro pode não significar a aceitação da escritora pelos critérios de valoração adotados pela crítica ou indicar que o livro esteja ajudando a construir uma forma particular de experiência que se distancie dos valores legitimados por sociedades que ainda se regem por formas explícitas ou camufladas de separação entre o espaço das mulheres e o dos homens. As escritoras africanas presentes ao encontro apontaram a dificuldade de uma mulher, em África, conseguir transgredir, sem grandes sacrifícios, os lugares determinados pela cultura, mesmo considerando as alterações significativas presentes nos centros urbanos nos quais as barreiras ainda fortes nas zonas rurais mostrem-se mais porosas. A separação de lugares é uma norma vigente na maioria das culturas, mesmo naquelas em que as mulheres representem o maior número em determinados espaços físico-sociais e em algumas profissões. A amostragem oferecida pelos catálogos de editoras e também por coletâneas literárias indica que a seleção de textos e de autores pode ser um indicativo considerável do lugar ocupado pelas escritoras na sociedade ou pelo menos aludir ao modo como a produção

literária de autoria feminina consegue se ajustar aos critérios que regem a organização do volume.

No texto “Bordejando a margem: escrita feminina, cânone africano e encenação da diferença”, Laura Padilha investiga “o papel das mulheres na formação do cânone poético africano” (2004, p. 11) e observa algumas antologias poéticas como a **No reino de Caliban**, antologia, organizada por Manuel Ferreira e publicada, em três volumes, nos anos de 1975, 1976 e 1994, respectivamente; a famosa **Antologia temática de poesia africana**, organizada por Francisco José Tenreiro e Mário Pinto de Andrade, cujos volumes I e II vieram a público nos anos de 1975 e 1976 e os dois volumes das **Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império – 1951/1963** editados pela Associação Casa dos Estudantes do Império (ACEI) e publicados em 1994.

Não é de se estranhar que a presença de escritoras nessas publicações seja tão reduzida. A época em que foram organizadas as antologias diz muito do lugar ocupado pelas escritoras e, certamente, de critérios de seleção que justificam as poucas mulheres nelas presentes. Se tomarmos como exemplo os volumes de **No reino de Caliban**, vamos notar que, no primeiro volume dedicado à poesia produzida em Cabo Verde e Guiné-Bissau, publicado em 1975, aparecem somente poemas escritos pela cabo-verdiana Yolanda Morazzo que, no momento da organização da antologia, não tinha ainda livros publicados,² embora participasse do Grupo do **Suplemento Cultural** e colaborasse com vários periódicos da imprensa cabo-verdiana. No volume II, que recolhe poemas de escritores pertencentes a diferentes fases da literatura produzida em Angola e São Tomé, destacam-se os nomes das escritoras são-tomenses Alda do Espírito Santo – que também aparece na antologia **Poesia negra de expressão portuguesa** (1953), organizada por Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro – e Maria Manuela Margarido que, à altura do lançamento do volume da antologia, em 1976, já tinha publicado o livro **Alto como o silêncio** (1957). Entre as escritoras angolanas escolhidas para representar as diferentes fases da poesia produzida no país, destacam-se Ermelinda Pereira Xavier, Lília da Fonseca, nome literário de Maria Lígia Valente da Fonseca Severino, que já havia publicado romances e literatura infantil, Alda Lara, a mais conhecida – que já contava com o livro *Poemas* publicado em 1966 pela Editora Imbondeiro, de Angola, e **Tempo de chuva**, de 1973. Além dessas três, Maria Eugênia Lima e Manuela de Abreu. No volume de recolha de escritores de Moçambique, destacam-se apenas dois nomes de mulheres escritoras: o da emblemática Noémia de Souza e o de Maria Manuela de Souza Lobo.

² Seu livro **Cântico de ferro**: poesia de intervenção foi publicado em Portugal, em 1976.

Nas **Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império – 1951/1963**, destacam-se, no volume dedicado a Angola e a São Tomé e Príncipe, os nomes das angolanas Alda Lara, Ermelinda Xavier, Lília da Fonseca e os das são-tomenses Alda do Espírito Santo e Maria Manuela Margarido. No volume dedicado à produção poética de escritores de Moçambique, Noémia de Souza aparece também sob o pseudônimo literário de Vera Micaia. Além da destacada poeta, cujo nome estará para sempre ligado às letras moçambicanas, pois, embora tenha escrito efetivamente apenas durante três anos, incendiou, como afirma Nelson Saúte (2001, p. 12), “o rastilho da poesia que reivindicava a personalidade dos oprimidos”, destacam-se os nomes de Ana Pereira do Nascimento, Anunciação Prudente, Glória de Sant’Ana, Irene Gil e Marília Santos. Como se pode observar, o número de mulheres acolhidas pelas antologias reflete, com certeza, o lugar que elas ocupam em sociedades que, não muito diferentes da brasileira, delegam às mulheres a função de procriar, cuidar dos filhos e da família.

A “essência” feminina que, em diferentes culturas, é simbolicamente construída a partir de expressões do corpo da mulher – a menstruação, a gestação, o aleitamento – não deixa de ser celebrada em muitos poemas produzidos pelas escritoras presentes nas antologias e as ilustrações em várias delas celebram a mulher grávida, a mulher-mãe, mulher com o filho no colo. Como bem observa Laura Padilha (2004), as antologias sacralizam a mulher africana, vendo-a como “um laboratório sagrado onde se processa a permanência dos ancestrais” (p. 14). Por isso, não é de se estranhar que a mulher-mãe seja assumida como alegoria no projeto de afirmação da identidade africana, pois ela personifica a força da terra, a tenacidade para enfrentar os obstáculos e, principalmente, a capacidade de gerar o novo homem, livre das amarras da servidão.

Se observarmos da antologia **Poesia negra de expressão portuguesa** (1953), organizada por Francisco José Tenreiro e Mário Pinto de Andrade, os poemas escritos por mulheres, podemos dizer que neles aparece a celebração de motivos regionais, como em “Lá no Água Grande” (p. 58), de Alda do Espírito Santo; a observação de transformações que se mostram nos que “voltam das minas do Rand”,³ e a conclamação para uma luta que enfrenta as “revoltas, dores, humilhações” estão nos poemas de Noémia de Souza. A figura mulher, embora se exponha tímida no número de poemas selecionados, fortalece-se na proposta da antologia de “busca da identidade étnica” e na ilustração da capa, criada por António Domingues, repetida em várias páginas do volume. Na vinheta, a celebração da fertilidade, da grande força que faz da mulher terra propícia à germinação das se-

³ Trecho extraído do texto de apresentação escrito por Mário de Andrade para a **Antologia temática de poesia africana** (p. 51).

mentes do amanhã, pode ser identificada no destaque dado à mulher-mãe e ao olhar firme dirigido para o futuro. O corpo-terra desenhado pelo projeto da antologia está visível na ilustração, mas a voz da mulher-poeta, no volume, só pode ser ouvida integrada ao compromisso com “um novo humanismo à escala universal”, a se considerarem as palavras de Mário de Andrade no texto introdutório (1975, p. 52). Por essa razão ressoam nos poemas da antologia a força da poesia negro-africana e a “expressão subjetiva e objetiva da negritude” (p. 50) que concretizam as formas como a literatura procura preencher o vazio provocado pelo “desenraizamento de comunidades e parentescos” (BHABHA, 1998, p. 199). Os poemas, ao se apropriarem de alegorias e metáforas que ressaltam a força da terra, delineiam um espaço em que se gesta o ideal de conagração que conclama o povo à luta, como no verso de Noémia de Souza: “— Oh deixa passar o meu povo”. O corpo celebrado, ao expor os significantes da fertilidade, deixa em sombra outros traços do feminino, particularmente os que se referem à sua expressão mais íntima.

Nos poemas escritos por essas poetisas africanas, nas várias antologias estudadas por Laura Padilha e também na publicada em 1953, quase sempre a intimidade do corpo e dos afetos cede lugar à expressão do comprometimento com a causa social que defendem. O corpo se cala em seus desejos mais íntimos para que uma voz coletiva possa ressoar com a ajuda dos símbolos que esse corpo ajuda a fortalecer.

Em um texto publicado em 2000,⁴ procurei ressaltar que uma feição literária do processo de (re)construção da identidade africana apropriou-se de imagens ligadas ao corpo feminino para fortalecer a simbologia da Terra-mãe-África e ressignificar os seus contornos como impulso ao delineamento de um novo espaço a ser conquistado. A estudiosa Inocência Mata (1994) referenda essa observação quando salienta que as construções ideológicas veiculadas pela literatura de feição revolucionária anunciam um projeto de ocupação dos espaços legitimados. Esculpida por significantes que elaboram uma dimensão épica da figura feminina – vista como um corpo fecundante ou como promessa de um futuro de liberdade – a representação da mulher recompõe imagens que acabam por relacionar o feminino com funções delegadas pela tradição, ainda que os poemas sejam escritos por mulheres que também transitavam por espaços em que circulam outras tradições: a escrita e a literatura. É pertinente observar que a figura de mulher que transita pelos versos das escritoras conclamadas para comporem as diferentes coletâneas é posta, por isso, num espaço em que várias tensões se produzem. A escrita lite-

⁴ Refiro-me ao texto “O corpo feminino da nação”, publicado na revista *Scripta*, v. 3, n. 6, 2000, de que resgato, com alterações, algumas idéias.

rária que focaliza a mulher africana – a mãe que vê os filhos consumidos pelo trabalho forçado, pelas minas do Rand, pela crueldade da opressão, a “irmã” que se compadece dos sofrimentos das “moças do cais”, da “mulher do mato”, daquele que perde os seus filhos na engrenagem de exploração das forças do corpo – é um exercício praticado por mulheres que, de alguma forma, transgrediram a tradição. Não por acaso, por isso, serem tão poucas a figurarem nas antologias referidas. Não por acaso também essas mulheres, para serem aceitas por um cânone predominantemente masculino e masculinizado, assumirem as figurações culturais que fertilizam a terra com o húmus vivificante do corpo da mulher-mãe, da esposa, da irmã ou abnegada companheira. É essa mulher, personificada na força que sustenta a esperança no amanhã, que é cantada pela maioria dos poemas de feição revolucionária escritos por mulheres. Mas esse canto é entoado por mulheres transgressoras, por escritoras que se empenharam na construção de versos e da liberdade desejada.

Porque escritos em tensão, é possível reconhecer em seus poemas alguns traços específicos do modo como as escritoras presentes nas diferentes antologias projetam-se no mundo que recriam através das palavras. Em alguns poemas, a ação de tecer o texto não desconhece os gestos da mão que molda o barro, prepara os alimentos ou trabalha com cores, gostos e cheiros tão próprios de atividades exercidas pelas mulheres.

No volume I das **Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império**, dedicado à produção poética de Angola e de São Tomé e Príncipe, no poema “Retorno”, da angolana Alda Lara, a terra africana é pintada com palavras e expressões que ressaltam as cores vivas e os odores fortes de uma paisagem singular. Nesse poema, a voz feminina não está registrada com marcas lingüísticas, embora o olhar que apreende as paisagens africanas, ao destacar o excesso de cores das casuarinas, das acácias rubras e dos cheiros exalados pelo “húmus vivificante”, caracterize um lugar em que o feminino se expande. Os sentidos privilegiados propiciam recortar na terra africana os atributos que fazem dela um lugar paradisíaco, onde é possível viver o “prazer sem lei” expandido em excesso. A simbologia da mãe-África se expõe, assim, em exuberância de cor e de calor e com uma magia de sons. O corpo se recompõe com as lembranças da terra aquecida por um sol “esplendoroso e quente”. No poema “Presença”, os laços que ligam o corpo da mulher à terra fortalecem os aspectos que fazem de Angola metonímia do continente africano, identificado por “coqueiros de cabeleiras verdes/ e corpos arrojados sobre o azul”. O corpo de mulher, literariamente construído (“E apesar de tudo/ ainda sou a mesma!/ Livre e esguia”), ao se realçar com os atributos da terra africana, intensifica a feminização do ideal a ser conquistado. A terra do “dendém”, “das palmeiras”, das “acácias rubras” reforça os atributos próprios da

mãe (“mãe forte da floresta e do deserto”), da irmã (“ainda sou/a irmã-mulher”), mas, como se afirmou em outro momento (FONSECA, 2000, p. 234), silencia as expressões mais íntimas de um corpo que tem os seus próprios desejos. Assim, os versos de Alda Lara, ao cantar o amor pelos irmãos miseráveis ou a beleza da terra explorada, cedem espaço a emoções que entrelaçam o intimismo do olhar sobre o próprio corpo, tão característico da literatura de autoria feminina, e se valem de referências importantes para o projeto de ressignificação da África para os africanos.

Na mesma antologia, em poemas criados por Alda do Espírito Santo, de São Tomé e Príncipe, a figuração da terra também está presente em cenas que resgatam a alegria de viver as ações triviais do dia-a-dia. O olhar feminino capta a alegria das mulheres que “cantam e riem em riso de mofa” enquanto lavam a roupa e velam pelo sono das crianças. No poema “Angolares”, pinta-se um quadro em que a pobreza triste dos representantes dessa etnia é sugerida pela referência às cubatas em meio às palmeiras e pelo sofrimento dos homens que se aventuram no mar em canoas frágeis, em “barquinhos de fome”.

Com freqüência identificam-se nos poemas resquícios do que Luiza Lobo (2002) nomeia de “emparedamento”, aspecto típico de uma poesia construída por um discurso lírico pessoal fechado (p. 109). Mas, ao mesmo tempo, esse “emparedamento” pode ser compreendido, em muitos dos poemas das antologias enfocadas, como marcas de um lugar em que o feminino consegue se mostrar por outras imagens e assim se afastar da expressão guerreira que caracteriza a maioria dos poemas. O deslocamento propicia imagens de lugares em que a mulher se dedica às atividades que lhe são delegadas pela cultura, e delinea um *locus* de preservação de traços de identidades étnicas, ainda que a decisão mais evidente seja a de (re)construir uma identidade africana que não exclua as peculiaridades locais. Sendo a literatura, na época de publicação das antologias em referência, um espaço predominantemente masculino, povoar os textos com sentimentos e gestos mais próximos da mulher é também uma forma de ocupação de lugares no terreno difícil da escrita literária.

Por outro lado, vários poemas da moçambicana Noémia de Souza trazem fortes marcas de um mundo mais urbano, distante das tradições rurais, ainda que neles seja possível encontrar sinais das transgressões que incitaram as mulheres escritoras africanas, da época, a se envolverem em um projeto político e através dele, se aproximarem das mulheres do povo, daquelas que carregam o mundo na cabeça e os filhos às costas ou no ventre. O projeto político a que as mulheres escritoras se ligam, tendo como meta minimizar o sofrimento do povo e fortalecer o sentimento de pertença a uma terra de encantos inusitados, permite os arroubos que a visão da mulher destaca sobremaneira. Por isso, ao mesmo tempo em

que o envolvimento num projeto político desvia os escritores de um lirismo subjetivo, o tom intimista fortalece por vezes expressões que funcionam como contraponto à palavra de ordem.

Nesse sentido, podemos identificar, nos poemas de Noémia de Sousa selecionados pelos organizadores das **Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império – 1951-1963**, diferentes expressões da literatura de compromisso permeada por um olhar intimista. Tal contraponto pode estar, por exemplo, no “Poema da infância distante”, em que a infância é recordada como um tempo de felicidade. A memória recorta detalhes de uma bela casa ensolarada à beira-mar e os contrapõe ao estigma da colonização. O sujeito lírico revela-se feminino (“dia a dia mais insatisfeita”) e expressa a esperança de que as “felicidades e aventura inesquecíveis”, vividas com “heterogêneos companheiros de infância”, possam ser vividas em outro tempo. Em “Moças das docas”, a exclusão social é denunciada e as mazelas do regime de opressão são recortadas com maior intensidade. O sujeito coletivo, as moças das docas, ressalta a penúria dos bairros pobres e salienta a vampirização efetuada pelos “homens loiros e tatuados de portos distantes”, agentes de um sistema perverso que marca com “feridas incuráveis” os corpos das “fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço”. Ao assumir uma estratégia discursiva que legitima uma voz coletiva, um sujeito plural, o poema transgride o modelo de expressão de uma subjetividade individual, mas também rasura o discurso da dor e do sofrimento característica de expressões de um ideário tipicamente romântico. A construção de uma voz coletiva é uma estratégia eficaz que aproxima a poeta das mulheres exploradas por um sistema desumano. Esse mesmo recurso, em vários poemas de Noémia de Souza, mostra prostitutas e magaiças como vítimas de um mesmo processo de exploração, como metonímias do sistema de opressão que a poeta condena. Ao trazê-los para os seus poemas, esta reforça o projeto político a que se filia quer como ativa militante, quer como criadora de poemas que, circulando em folhas esparsas, semeiam a rebelião. Todavia, a adesão às causas coletivas não consegue dar voz aos anseios próprios de um segmento também marginalizado e submisso, o das mulheres. Por isso, repetimos, é natural que sejam tão poucas as escritoras a figurarem nas antologias selecionadas, embora a voz feminina, no espaço da literatura, concretize uma transgressão aos modos como o feminino circula em suas culturas. Afastando-se das ocupações tradicionais e assumindo a função de poetas, deslocam-se de espaços demarcados e de alegorias aprisionadoras.

Ainda que possam ser identificadas, nos poemas de Alda Lara, Alda do Espírito Santo e Noémia de Souza, as funções próprias da mulher – a gestação, a maternidade – e se focalizem as ações das mulheres para descobrir alimentos para os filhos e reinventar a vida, também se escuta a voz da mulher sonhadora, daquela

que se emociona com o sofrimento do povo, com o espetáculo da paisagem exuberante ou com o burburinho das ruas e os ritmos frenéticos das festas. Através dessas transgressões, a voz feminina que se anuncia nos poemas das três escritoras eleitas por este texto, quando lê as antologias até agora mencionadas – Alda Lara, de Angola, Alda do Espírito Santo, de São Tomé e Príncipe, e Noémia de Souza, de Moçambique –, ainda que identificada com os gritos por justiça, deixa entrever um corpo que tem suas próprias emoções. De algum modo, em seus poemas, o corpo feminino desloca-se das intenções veiculadas por um discurso poético que silencia as manifestações próprias à feminilidade, embora continue a bordejar as margens da escrita feminina, pactuando, como acentua Padilha, com silêncios e vazios. As intensas contradições percebidas nos textos das escritoras comprometidas com uma poética guerreira dizem bem do lugar desconfortável de que falam. Entretanto, é somente nesse lugar que podem acolher as vozes dos excluídos com os quais, ainda que em situação de privilégio, guardam fortes semelhanças. Esse lugar incômodo funciona de certa forma como um ritual de passagem para outras travessias, como veremos a seguir.

Passemos para momentos em que a voz feminina se deixa ouvir se afastando, de algum modo, do compromisso com um projeto de luta. Como vimos, as demandas da construção literária desse projeto deixaram mais silenciadas as pulsações do corpo feminino, escondido sob o manto do ideal a ser conquistado e comprometido com uma causa coletiva. A linguagem do corpo feminino pode ser percebida, de forma mais explícita, na produção literária escrita por mulheres africanas de diferentes países nos dias atuais. Assim como nos limitamos a investigar a produção de três escritoras africanas que participaram de recolhas feitas na fase pré-independência, vamos nos ater a escritoras que aparecem em três antologias publicadas no pós-independência. Na mais antiga, a Antologia de jovens poetas angolanos, **No caminho doloroso das coisas**, lançada em 1988, são registradas produções de: Ana Paula Tavares, Dorian, pseudônimo de Ana Francisca Silva Major, e Ana de Santana.

Das três, Ana Paula Tavares é, talvez, a mais conhecida dos estudiosos de literaturas africanas de língua portuguesa, e tem já lançados os livros, **Ritos de passagem** (UEA, 1985), **O Lago da Lua**, **Dizes-me coisas amargas como os frutos** e **Ex-votos**, publicados pela Editora Caminho, em Lisboa, nos anos 1999, 2001 e 2003, respectivamente. Nos poemas publicados na Antologia **No caminho doloroso das coisas** observa-se uma transgressão significativa dos modos enunciativos cultivados na fase da poesia de combate. A palavra poética permite que se ouça a voz da mulher, muitas vezes anunciando-se em lugares em que tradição ancestral ainda é a lei que deve ser seguida. Mas a manifestação poética, ao mesmo tempo em que alude a essas tradições, constrói efeitos de sentidos em que

afloram as tensões criadas pelas inter-relações entre costumes próprios do espaço da voz e dos gestos e as ordens da escrita que se produz numa disjunção que identifica “ao traçado material da mão o traçado de sua própria significação (RANCIÈRE, 1995, p. 97). No poema “A rapariga” (p. 22), os costumes ancestrais convivem com a expressão de um sujeito lírico que diz de seus próprios anseios:

Dos meus ancestrais ficou-me a paciência
O sono profundo do deserto.
 A falta de limite...
Da mistura do boi e da árvore
 a efervescência
 o desejo
 a intranqüilidade
 a proximidade
 do mar.

Em outro poema, “A abóbora menina” (p. 23), a poeta permite que o feminino se exponha no poema, valorizando os elos culturais que entrelaçam a terra e os seus frutos aos atributos da mulher:

Tão gentil de distante, tão macia aos olhos
vacunda, gordinha
 de segredos bem escondidos
estende-se à distância
 procurando ser terra
quem sabe possa
 acontecer o milagre:
 folhinhas verdes
 flor amarela
 ventre redondo

depois é só esperar
 nela desaguam todos os rapazes.

Fica evidente, neste poema, o fortalecimento de uma voz que observa as semelhanças entre o fruto e um corpo de mulher que se modela aos apelos da sexualidade. A abóbora, metonímia da mulher, desabrocha seus atributos – “folhinhas verdes/ flor amarela/ ventre redondo”, reforçando os elos com o corpo da menina que se revela mulher. Nesse sentido, as referências às “folhinhas verdes”, à “flor amarela” e ao “ventre redondo” podem ser entendidos como uma aproximação entre a beleza/força da abóbora e o corpo púbere. Tocados pelo “milagre” da vida um e outro passam a atrair os olhares. É interessante observar no poema o deslocamento que fica claro nos últimos versos. Ao se constituírem como uma provável conseqüência do desenvolvimento da abóbora (menina?), os versos valorizam a fertilidade que está na planta e também na menina cujo corpo desabrocha.

As tradições ancestrais, nos poemas de Paula Tavares coletados pela antolo-

gia, são uma forte fonte de inspiração, embora o trabalho intenso com a forma e com a linguagem revele a preocupação da geração de poetas do pós-independência de fertilizar a criação poética com outras motivações mais atentas à construção do texto literário.

Mesmo quando o olhar da poeta procura reler as tradições ancestrais ou questões que explicitam a penúria de um contexto social ainda marcada por intensas guerras, as emoções vividas na atenção aos deveres e ao universo feminino marcam os versos de um poema em que a terra se manifesta. A palavra poética tece como um bordado, costura, cerzido: “A vida bordou surpresas em ponto agrilhão/ Tecias auroras cerzidas”, como se mostra nos primeiros versos do poema “Costuras” de Ana Francisca Silva Major. Nos poemas de Ana de Santana o significante mulher é acentuado para acentuar a preocupação da mulher com o seu próprio corpo e com seus sentimentos. É pela voz da mulher que a escrita poética se faz pele de um outro corpo, um corpo que pulsa, que emite seus próprios ruídos. O poema “Canção para uma mulher” revela o universo da mulher definido nos compromissos com os filhos e com as tarefas do dia-a-dia: o semear, o colher. A fecundação do ventre e a germinação da semente são expressões de um mesmo destino de espera, de resignação, de desencontros entre a ternura que brota desses gestos e a determinação de leis e de costumes.

Na **Antologia da nova poesia moçambicana** há somente a exposição de duas poetas. Noémia de Souza, com um poema escrito, em 1987, em homenagem a Samora Machel no qual ainda persistem as palavras de ordem características de grande parte de seus poemas escritos até 1951, quando saindo de Moçambique, deixou de escrever poesia. A homenagem ao líder político faz-se pela voz de mulheres que lamentam a morte do “filho maior”. É com um coro de vozes femininas que a poeta reitera a imagem de uma nação cujos valores a serem preservados se mostram, com frequência, identificados com a figura feminina. As imagens da nação se detalham com os contornos da *mamana* e identificam-se com as feições da mãe, da geradora. No poema de Noémia de Souza, presente nessa antologia, as mulheres que choram o “filho” morto são essas guardiãs solenes que geram os filhos, pranteiam a sua morte, mas continuam a tecer a vida com as dificuldades do cotidiano.

Nas criações poéticas de Clodilde Silva vislumbram-se manifestações do corpo feminino desobrigadas de uma relação mais próxima com o social. No poema “Desafio aos dogmas”, evidencia-se o desejo da mulher de viver a sua sexualidade:

Ainda te ergo – Amor
 No meu estro sem idade
 E dissolvo dogmas
 Nesta doçura de meus lábios
 Sobre o teu cabelo.

Essa linguagem mais próxima das palpitações do corpo e de seus impulsos pode ser percebida também em alguns poemas escritos por mulheres na Antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos, **Mirabilis de veias ao sol**, na qual, como nas outras coletâneas de poemas referidas, as mulheres são ainda vozes solitárias.

Em poemas de Alzira Cabral, de Arcília Barreto, de Dina Salústio, de Vera Duarte, o amor aparece delineado às vezes como sofrimento e a solidão da mulher é sintoma reiterado:

(...)
é porque não sei (incrível !...)
se saberia
descrever-te com palavras
os contornos do meu amor.
(Silêncio, Alzira Cabral)

E chega o momento
Em que faltam forças
Ao ventre maduro
De quem só quis
Sentir a vida
Sem se mentir
("Sentir a vida" de Arcília Barreto)

Éramos eu e tu
Dentro de mim.
Centenas de fantasmas compunham o espetáculo
E o medo
Todo o medo do mundo em câmara lenta nos meus olhos.
("Apanhar é ruim demais" de Dina Salústio)

Em todos os fragmentos é possível notar que o eu enunciador se forja num universo feminino ainda talhado em medos e solidões, mas no qual aflora uma subjetividade que se expressa mais próxima das emoções sentidas.

Por outro lado, em alguns dos "Exercícios poéticos", de Vera Duarte (1991), pode-se perceber uma reflexão sobre a situação da mulher e a revelação de uma consciência profunda de lugares ainda rigidamente instalados:

E dentro de mim, censuradas, sucedem-me, minuto a minuto, as imagens interditas e as sensações proibidas.
Sublimar é a palavra d'ordem. O amor e a paixão a libido e o prazer. No altar dos valores supremos. Sublimar aqui e agora e manter estóica e estupidamente secretos os diálogos que comigo mantenho contigo. (p. 518)

Faz-se pertinente, portanto, ao se refletir sobre as construções literárias de autoria feminina, presentes em diferentes coletâneas publicadas em épocas significativas da história dos vários países, observar os diferentes recursos de que se valem as escritoras para, ainda que no espaço específico da literatura, operarem

diálogos com outros lugares em que as mulheres se ocupam de atividades que têm relação íntima com o ato de escrever. O traçado da mão, na folha de papel, em muitos textos escritos por mulheres africanas, quer-se próprio dos gestos que modelam o barro, tecem artes com fios e flores ou embalam os filhos, preparando-os para a vida. Rancière observa que a escrita sempre escreve uma relação da ordem dos corpos e das palavras. Nos poemas de autoria feminina, publicados nas diferentes antologias de que trata este texto é possível perscrutar – mesmo quando os poemas cantam as penúrias que justificam a luta pela liberdade – os lugares em que a mulher se manifesta em cantos e danças que “dão alegria e cor aos rituais e às funções do dia-a-dia” (CHIZIANE, 1994, p. 15).

Pode-se dizer, finalmente, que passada a urgência das lutas revolucionárias, a mulher escritora, nos países africanos de língua portuguesa, vai-se deslocando dos projetos que a esvaziam de si mesma para assumir uma escrita que deixa espaço para a expressão da intimidade do eu, para a escuta de sugestões mais comprometidas com o universo de mulheres que, ainda silenciadas por fortes tradições, motivam a escrita de textos que transitam no espaço da literatura, procurando não se fechar às inter-relações com outros campos em que o corpo desenha diferentes coreografias, ainda quando só pode ser observado no desempenho de obrigações cotidianas. A literatura pode, certamente, distender esses espaços e traduzir os significados que o corpo deixa impresso nessas obrigações.

Résumé

Ce texte prétend réfléchir sur les conditions de production de textes littéraires africains écrits par des femmes et qui figurent dans plusieurs anthologies. On propose encore d’analyser les projets de ces recueils afin de comprendre les choix de leurs éditeurs et les sens créés par ces femmes écrivains dans le projet littéraire qu’elles aident à construire. Dans leurs poèmes on peut percevoir une manière particulière de récupérer les gestes, les paroles et la sensibilité propre d’un corps souvent condamné au silence et à l’exclusion.

Mots-clé: Projets littéraires africains; Écriture féminine; Mot poétique; Corps insoumis.

Referências

ANDRADE, Mário. *Antologia temática de poesia africana: na noite grávida de punhais*. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

ANDRADE, Mário. *Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império – 1951-1963*. Lisboa: Acei, 1994. V. I e II.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myrian Ávila *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASÃO, Inês Paulo. **Dons e disciplinas do corpo feminino**: os discursos sobre o corpo da história do Estado Novo. Lisboa: Gráfica 2000, 1999.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher, por uma nova visão de mundo. In: AFONSO, Ana Elisa de Santana. **Eu, mulher em Moçambique**. Maputo: Aemo, 1994. p. 11-18.

DUARTE, Vera. Exercício poético n. 5. In: ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro. **Mirabilis de veias ao sol**. Lisboa: Caminho/Instituto Caboverdiano do Livro, 1991. p. 518.

FERREIRA, Manuel. **No reino de Caliban**. V. I, II, III. Lisboa: Plátano Editora, 1994.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes femininas em afrodições poéticas: Brasil e África portuguesa. In: MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro (Org.). **Literatura feminina em África e na América Latina**. Lisboa: Num, 1999. p. 173-186.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. O corpo feminino da nação. In: **Scripta** – Revista do Departamento de Letras, do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros – Cespucc – da PUC Minas, v. 3, n. 6, p. 225-236, Belo Horizonte, 2000.

LOBO, Luiza. Literatura e história: uma intertextualidade importante. In: DUARTE, Constância Lima *et al.* **Gênero e representação**: teoria, história e crítica. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2002. p. 108-117.

MATA, Inocência. A literatura angolana no feminino: as novas direcções do sonho. In: **Silêncios e falas de uma voz inquieta**. Lisboa: Mar Além, 2001. p. 109-122.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos pactos, outras ficções**: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

PADILHA, Laura Cavalcante. Bordejando a margem (escrita feminina, cânone africano e encenação de diferenças). In: **Scripta** – Revista do Departamento de Letras, do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros – Cespucc – da PUC Minas, v. 8, n. 15, p. 255-268, Belo Horizonte, 2º sem. 2004.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Trad. Raquel Ramallete *et al.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.